**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**BEATRIZ BATISTA DO NASCIMENTO ALKMIN**

**VÍTIMAS, ÉTICA E LIBERTAÇÃO NA OBRA DE ENRIQUE DUSSEL**

**FRANCA**

**2021**

**BEATRIZ BATISTA DO NASCIMENTO ALKMIN**

**VÍTIMAS, ÉTICA E LIBERTAÇÃO NA OBRA DE ENRIQUE DUSSEL**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do Título de Bacharel em Relações Internacionais.**

**Orientador: Prof. Dr. Hélio Alexandre da Silva**

**FRANCA**

**2021**

**BEATRIZ BATISTA DO NASCIMENTO ALKMIN**

**VÍTIMAS, ÉTICA E LIBERTAÇÃO NA OBRA DE ENRIQUE DUSSEL**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.**

**BANCA EXAMINADORA**

**Presidente: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**Prof. Dr.**

**1º Examinador: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**2º Examinador: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**Franca, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ de 2020.**

Sobrenome, Nome. **Título da Monografia (negrito)**. 2019. XX f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2019.

**RESUMO**

O número de refugiados que recentemente tem crescido na Europa e nos EUA é um fenômeno que pode ser legitimamente abordado pelas Relações internacionais a partir de várias dimensões. O que o presente trabalho pretende é investigar esse fenômeno privilegiando um olhar que trate os refugiados como *vítimas*. Mas pensá-los a partir dessa categoria exige que se reconstrua os contornos teóricos mais precisos dessa categoria. Para tanto, algumas questões se impõe como, por exemplo: o que é uma vítima? Como podemos reconhecê-las? É possível traçar uma ligação entre o conceito de vítimas e os de refugiados? Há alguma ética que procure entender as vítimas? Este trabalho tem como objetivo pensar as vítimas a partir dessas questões utilizando, majoritariamente, as ideias e propostas de Enrique Dussel. Em seus trabalhos o autor nos mostra seu conceito de vítima, construído a partir de um profundo debate com uma tradição teórica que já se debruçou sobre esse problema. Nesse sentido, a *Ética da Libertação* de Dussel será a fonte principal para, a partir de seus critérios e princípios críticos, procurarmos entender os contornos da noção de vítima e das principais implicações que ela traz.

**Palavras-chave:** Vítimas; Refugiados; Ética da Libertação; Enrique Dussel;

Dedico este trabalho a todos os refugiados do mundo

**AGRADECIMENTOS**

Tanto este trabalho quanto toda a minha graduação é resultado da ajuda e do apoio de de diversas pessoas que são muito importantes para mim, por isso, aqui deixo os meus singelos agradecimento

Agradeço, primeiramente, a Deus, por todas as oportunidades que recebi durante os útimos anos. A minha família, meus pais Regina e Valdir, meu irmão Vinícius e os meus queridos padrinhos Edna e Reinaldo por todo o amor e suporte que recebo de vocês. Agradeço as minhas queridas colegas de quarto Daniele e Alice, vocês apareceram na minha vida em momentos diferentes e tornaram ela muito melhor, obrigada pelos ensinamentos, conversas, brincadeiras e desabafos.

Agradeço a amizade que recebi de: Carol, Rafael, Rafaela, Thaynara e Stéphanie. Muito obrigada por cada momento que passamos juntos durante estes anos de graduação. Vocês são pessoas incríveis que quero manter comigo para o resto da minha vida.

Por ultimo, mas nunca menos importante, agradeço ao meu orientador, o prof. Dr. Hélio Alexandre da Silva, pela paciência e confiança neste trabalho. Sem você esta monografia não existiria.

“Toda sociedade que pretende assegurar a liberdade os homens deve começar por garantir- lhes a existência” – Léon Blum

**SUMÁRIO**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **INTRODUÇÃO ……………………………………………………………………….** | | **0X** |
|  | |  |
| **CAPÍTULO 1** | **O CONCEITO DE VÍTIMAS …………………………………….** | 0**9** |
|  |  |  |
| **CAPÍTULO 2** | Critérios e Princípios Crítico Ético ……………… | **14** |
|  |  |  |
| **CAPÍTULO 3** | os refugiados como vítimas …………………………….. | **16** |
| 3.1 Porquê os refugiados?……………………………………………………………..…. | | **16** |
| 3.2 Os refugiados ao redor do mundo…………….……………………………………… | | **18** |
| **CAPÍTULO 4** | A ética da libertação ………………………………………. | **23** |
|  | |  |
| **CONCLUSÃO……………………………………………………………………….…...** | | **27** |
|  | |  |
| **REFERÊNCIAS …………………………………………………………………………** | | **29** |

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho surgiu a partir do meu interesse em entender a crise de refugiados que repercute na Europa desde o ano de 2015 (GOMARASCA, 2017). Minha curiosidade residia em saber o que eram essas pessoas que se viam em uma situação onde a melhor solução se baseava em abandonar seu país e sua antiga vida indo em busca de uma melhor oportunidade na Europa, mesmo tendo consciência de todas as dificuldades e empecilhos que apareceriam durante o caminho. Também queria entender os motivos pelos quais estas pessoas enfrentam tantos desafios.

A partir desta ideia optei por enxergar os refugiados como vítimas, mas então percebi que para isso precisaria entender o que é realmente uma vítima. Desde então, optei por compreender o que são as vítimas e como elas são criadas, o que acabou por se tornar o principal objetivo desta monografia. Neste trabalho me guiarei pelas ideias do filósofo argentino Enrique Dussel, que entre vários temas e linhas de pesquisa também se dedica ao estudo sobre as vítimas. A partir destas análises podemos entender como os sistemas são contraditórios, pois ao mesmo tempo em que tentam criar uma vida melhor para uma parte da população acabam por prejudicar outras, as chamadas vítimas. Através do estudo de Dussel também poderemos compreender os principios mais importantes que ele apresenta em sua obra *Ética da Libertação*.

Somado a isso,este trabalho apresentará os contornos mais precisos da categoria de vítimas. Deste modo, procurarei entender as formas de pensar as vítimas a partir da compreensão daquilo que Dussel chama de critério crítico negativo e critério crítico positivo. Tais definições serão úteis para avaliar o que os conceitos éticos críticos podem dizer sobre estas situações e como descrevê-las de modo a pensar formas de superá-las. Entre as principais preocupações da ética da libertação está a formulação de ferramentas teóricas para compreender o que são as vítimas e descrever suas dimensões mais decisivas, porém sem jamais se esquecer de pensar modos de superar a condição de vítimas. É por isso que, no terceiro capítulo, o intuito será de compreender os refugiados precisamente como vítimas. Para tanto faremos uma interpretação capaz de mobilizar os conceitos que orbitam em torno dessa noção tal como pensada por Dussel, tais como a impossibilidade de reproduzir a própria vida, a falta de reconhecimento e a responsabilidade pelo outro. Com isso pretendemos esclarecer as razões pelas quais é possível pensar os refugiados enquanto vítimas.

# CAPÍTULO 1 O que são as vítimas?

Como mencionado anteriormente, para que se possa entender a existência e a situação das vítimas é preciso, primeiramente, definir o que são as vítimas, para isso, como já mencionado na introdução, será utilizado neste trabalho as definições e ideias de Enrique Dussel[[1]](#footnote-1). O autor deixa claro para nós em seu livro *Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão* que a vítima e os dominados aparecem sempre como:

“... (como operário, índio, escravo africano ou explorado asiático do mundo colonial; como corporalidade feminina, raça não branca, gerações futuras que sofrerão em sua corporalidade a destruição ecológica; como velhos sem destino na sociedade de consumo, crianças de rua abandonadas, imigrantes estrangeiros refugiados, etc).” (DUSSEL, p. 313, 2000)

Dessa forma, é possível dizer que Dussel é bem claro e objetivo quanto ao que acredita que sejam as vítimas, pode- se dizer que para o autor as vítimas são as pessoas que foram ou serão oprimidas/dominadas de alguma forma pela sociedade. A dominação/ opressão também parece ter vários significados para o autor, indo desde trabalho escravo até abandono de crianças na rua.

Segundo Claudenir Alves[[2]](#footnote-2) outros termos já foram utilizados por Dussel para denominar pessoas que sofriam alguma forma de dominação, como “outro” ou “pobre”, porém estes se mostraram insuficientes para o filósofo. A denominação “outro” era utilizada de forma abstrata pelo filósofo (ALVES, 2005) em um contexto de colonização europeia, o outro representava todos aqueles que não eram europeus, como os povos da África e da Ásia. A Europa se enxergava como “desenvolvida” e se via na obrigação de civilizar e modernizar as outras culturas, para os países europeus esta invencível ignorância era culpa dos próprios países subdesenvolvidos que nunca conseguiriam sair dessa situação sem ajuda externa. (DUSSEL apud ALVES, p. 42, 2005)

O termo “outro”, como mencionado acima, é abstrato e retoma aos povos que foram encobertos pelo mundo europeu estabelecido (ALVES apud DUSSEL, p. 42, 2005). Conforme os estudos de Dussel se desenvolviam, o filósofo passou a estudar uma ética a partir do homem negado da América Latina (ALVES, 2005), assim passou a rever os textos de Karl Marx, assumindo a materialidade do pensamento do mesmo. Segundo Alves:

“O ponto de partida para a reflexão dusseliana a partir deste momento será a materialidade das coisas latino- americanas. A compreensão do mundo dusseliano, que havia sido influenciado por Levinas e Ricoeur, sofre uma inversão radical. Do abstrato (outro) ao concreto (pobre)”. (ALVES, p. 43, 2005)

Desta forma, pode-se afirmar, que depois de estudar os conceitos de Marx, Dussel percebeu que a denominação “outro” se tornou insuficiente para representar o povo latino- americano, enquanto o termo “pobre” se adequava melhor ao que o pensador propunha. Para Claudenir:

“Quando Dussel vê a América Latina em sua materialidade, não encontra mais uma alteridade abstrata e nem o outro. Encontra o pobre. Um pobre que possui nome, raça, cultura, rosto. Localizado em um continente, país, estado, cidade, ocupando um tempo e espaço específicos. A categoria pobre é o que melhor Dussel encontra.” (ALVES, 2005, p. 45)

Porém, segundo Alves, Dussel percebeu que a categoria “pobre” também possuia seus limites, pois devido as mudanças que houveram no mundo durante a década de 1990, o termo “pobre” passou a ser insuficiente para explicar a pobreza na América Latina, que se espalhou de maneira muito rápida pelo mundo. Dussel, então, passa a adotar uma nova categoria, o termo “vítima” (ALVES, 2005). Nesta fase de seu estudo, Dussel para de considerar apenas a América Latina e passa a olhar para as vítimas de todos os lugares do mundo, aqui o próprio planeta Terra passa a ser visto de forma vitimizada devido aos problemas ecológicos (ALVES, 2005). Para Claudenir Alves:

“A categoria ‘vítima’ pode ser utilizada nos mais diversos continentes e situações, pois a vítima é sempre aquela que de alguma forma ou de outra está excluída do ‘sistema- mundo’. A vítima é sempre uma pessoa, podendo estar localizada nos subúrbios de Paris, nos bairros periféricos de Nova York ou em paupérrimas regiões da África”. (ALVES, 2005, p. 48)

Segundo Dussel, e como será explicado melhor adiante, a existência das vítimas é inevitável, pois é impossível existir um sistema sem defeitos. Um sistema perfeito é inconcebível visto que para se chegar a perfeição seria necessária uma inteligência infinita, e de velocidade infinita também para poder criá-lo e mantê-lo. As vítimas são todos aqueles que sofrem com as imperfeições e com os erros dos sistemas existentes. Assim, pelo fato de existirem vítimas em todos os sistemas institucionais atualmente existentes então a crítica se faz necessária. (DUSSEL, p. 373, 1998). Também será explicado com o decorrer do trabalho como os sistemas estabelecidos não permitem a reprodução da vida dos oprimidos. Pois segundo Dussel[[3]](#footnote-3):

“A vítima é vítima porque não *pode viver*. O político vocacional é chamado a agir em favor da reprodução e aumento da vida de todos os cidadãos. Mas as vítimas do sistema imperfeito, inevitavelmente injusta em algum momento, intoleravelmente insustentável em suas crises terminais (quando a injustiça multiplica os sofrimentos dos explorados e excluídos), são aqueles que sofrem em maior grau, como feridas abertas, a doença do corpo social; Elas mostram o lugar da patologia do sistema, da injustiça que você precisa saber como consertar.” (DUSSEL, 2006, p. 97, tradução nossa)

Para melhor compreender o conceito de vítima proposto por Dussel vale destacar os principais aspectos que ele recupera de outros autores como forma de iluminar sua própria formulação. Iniciando por Karl Marx, que segundo Dussel identificou vários tipos de vítimas na sociedade, durante seus estudos, como a “imprensa livre” em relação ao Estado cristão, pouco tempo depois os “pobres camponeses” também entraram na lista do que se pode ser considerado como vítimas. Porém, foi durante seu exílio em Paris que Marx conheceu o mundo industrial e os líderes operários, também foi quando entendeu que a classe operária é a vítima universal do sistema. (MARX apud DUSSEL, 2000, p. 320). Portanto, em momentos históricos diferentes, Marx teria identificado como vítimas tanto a imprensa, que tinha cerceada sua liberdade de divulgação de informação, quanto os pobres camponeses e os operários nos tempos do desenvolvimento industrial.

A escola de Frankfurt também expressou o que o termo “vítima” representava para eles. Dussel nos mostra este conceito na passagem:

“Foram filósofos e cientistas sociais articulados a um sujeito social (a vítima a partir da qual pensam: a comunidade ilustrada e crítica de judeus alemães e o proletariado alemão em vias de “integração”) que puderam descobrir um inimigo em comum (as “relações sociais dominantes”: o autoritarismo familiar, a sociedade capitalista industrial instrumental e, posteriormente, o nazismo alemão) ...” (DUSSEL, 2000, p. 330)

Adiante, Dussel fala dos autores que acreditavam em uma dialética pulsional, o primeiro pensador que analisaremos é Arthur Schopenhauer, que fala da “vontade de viver”. Dussel nos cita as próprias palavras de Schopenhauer para que possamos entender o que quer dizer essa expressão: “Ali onde há Vontade (*Willen)* há Vida (*Leben*). Por conseguinte, à *Vontade de viver* (*Willen zum Leben*) está sempre assegurada a vida, e, enquanto ela respira em nós, não devemos preocupar- nos com a nossa existência” (SCHOPENHAUER apud DUSSEL, 2000, p. 347)

O problema que a “vontade de viver” pode trazer é o egoísmo, pois como essa vontade existe em todos, é provável que alguns não tenham escrúpulos para conseguir conservar sua própria vida, o que pode levar a uns prejudicando aos outros, fazendo com que existam vítimas na sociedade. Dussel é bem claro quando escreve o que seria uma vítima para Schopenhauer: “... as vítimas são todos os seres vivos enquanto constatam em sua própria corporalidade, que sofrem pela “vontade de viver”, o fundamento da dor... que em última instância é o egoísmo próprio do *principium individuationis*.” (DUSSEL, 2000, p. 346)

Outro autor que Dussel recupera para entender a noção de vítima é Nietzsche, que criou uma interpretação do mundo que era guiado pela “vontade de poder”. E esta pulsão, por sua vez, era regida pelos instintos criativos de Dionísio e pelos reprodutivos de Apolo. O dionisíaco representava a permissão para criar, diferenciar- se e viver. O apolínio seria o mundo disciplinar que reprimia a cultura helenística e adiante a cultura semítica- cristã. (DUSSEL, 2000, p. 348- 349). Tendo isso em mente podemos tentar entender o conceito de vítimas para o pensador, segundo Dussel:

“As vítimas de Nietzche (os senhores dominadores, os nobres, os árias, os heróis *à la* Carlyle ou os ‘antimodernos’ o dionisíaco que teve que passar ao mundo subterrâneo dos cultos orgiástico- populares, perseguidos pelos helenistas e tendo perdido o prestígio da representação teatral da tragédia ou os perseguidos pela ortodoxia cristã) se libertaram como Zaratustra, ‘seres- humanos- que- se- transcedem’... só se transformam em sujeitos de exercício da ‘vontade de poder positiva, agressiva, criativa. Seus opressores (os fracos, socráticos helenistas, semítico- cristãos e europeus modernos) são as vítimas ressentidas de ontem (já que todo ‘valor vigente’ é objetivação do ressentimento passado) ... (DUSSEL, 2000, p. 353- 354)

Aqui é importante notar que Dussel afirma que, segundo Nietzsche, graças a sua forma de compreender o mundo a partir da centralidade da “vontade de poder” os opressores são vistos como aqueles que são fracos e não os fortes. Nesse sentido, as vítimas, por sua vez, são os “senhores dominadores” e “os nobres”.

Por fim, Sigmund Freud, acreditava que os seres humanos eram regidos por duas pulsões diferentes, também conhecidas como instintos de vida. A primeira seria os “instintos de autoconservação da vida” e a segunda seria os “princípios de morte”, que incluiriam os instintos agressivos e os instintos do prazer. Freud também dizia que a cultura das civilizações se organizavam em diferentes instituições que pretendiam assegurar que os instintos de vidas fossem mantidos. Porém a busca pelos instintos de prazer poderiam levar ao egoísmo e, consequentemente a dominação de parte dos indivíduos por outros. (DUSSEL, 2000, p. 361). Logo, a partir desta explicação podemos entender o que é uma vítima para Freud que, segundo Dussel, situa no sofrimento corporal um dos pontos centrais capazes de designar a:

“[...] vítima explorada, cujas pulsões lhe são super- reprimidas pelas exigências da autoconservação... feliz dos membros hegemônicos do sistema cultural, encontramos o efeito não intencional da ordem institucional: a dor, a infelicidade (que os utilitaristas desejavam evitar) e a mais- repressão das vítimas dominadas (por exemplo, os escravos do escravismo, os proletários do capitalismo ou as mulheres dos patriarcalhismo- machista, as raças não brancas do racismo, etc).”(DUSSEL, 2000, p. 362)

Portanto, Freud teria sido, segundo Dussel, um autor que pensou as vítimas primordialmente a partir de uma abordagem que atribuía centralidade à repressão das pulsões que, entre outras coisas, trazia dor e infelicidade.

Em suma, neste capítulo, apresentamos momentos em que Dussel se volta para a análise de alguns autores e vertentes teóricas que ele considera relevantes tais como Marx, a Escola de Frankfurt, Nietzsche e Freud para destacar diferentes considerações sobre o conceito de vítima. Assim, é possível perceber que para o pensador, embora existam diferente contornos sobre o termo vítima, estas sempre podem sempre compreendidas como aquelas pessoas que são oprimidas pelo sistema e que isto ocorre porque não é possível se chegar a um sistema perfeito. Deste modo, desde operários, passando por velhos sem destino e crianças de rua abandonadas até “imigrantes estrangeiros refugiados”, que foi o que inicialmente impulsionou esse trabalho, todos podem ser entendidos como vítimas (DUSSEL, p. 313, 2000).

No próximo capítulo será analisado o critério crítico que permite a existência de vítimas e como identificar as mesmas.

# capítulo 2 Critérios e Princípios Crítico Ético

A fim de podermos entender melhor os contornos do que aqui estamos chamando de vítima, se faz necessário compreender os critérios e os princípios crítico material e ético que Dussel apresenta como base para uma ética da libertação. A partir da aceitação desses critérios pode- se perceber, nas próprias palavras de Dussel, a “impossibilidade de reproduzir a vida da vítima, donde se toca a fonte a partir da qual se pode (e se deve) exercer a crítica contra o sistema que é responsável pela sua negatividade.” (DUSSEL, 2000, p. 373).

O critério crítico representa o que foi mencionado no capítulo anterior e para Dussel diz respeito a impossibilidade de se existir um sistema perfeito, sem vítimas, portanto o critério crítico de toda instituição, norma, microestrutura, ato ou sistema de eticidade parte da premissa da real existência das vítimas (DUSSEL, 2000, p. 373).

Identificar uma vítima de forma empírica é enxergar “negatividades”: dor, pobreza, patologias, fome, entre outras dimensões da “negatividade”. Segundo Dussel, a vítima pode ser entendida como uma contradição absoluta, visto que é fruto da instituição, e por pertencer a esta instituição sofre dor e antecipa a sua morte. (DUSSEL, 2000, p. 374) Portanto, o critério crítico nos possibilita entender que em todos os sistemas e organizações existente existirão vítimas, o que é claramente uma contradição, visto que as instituições e os sistemas deveriam proteger as pessoas o que, no entanto, elas também façam, embora não eliminem completamente as vítimas.

Depois de entender o que é critério crítico, torna-se importante reconhecer que este é formado por uma condição de possibilidade crítico- positiva e também de um aspecto crítico negativo. Segundo Dussel, a possibilidade crítico positiva surge a partir do momento em que se observa que não é possível estabelecer uma crítica ao sistemas vigente sem que exista um reconhecimento do outro (a vítima) como um sujeito que possui vida, mas que é ignorada pelo sistema. Essa condição de possibilidade possui dois momentos, o primeiro é, de fato, o reconhecimento da vítima como um sujeito livre, autônomo e distinto, em outras palavras, é o reconhecimento da vítima a partir de uma dimensão própria: a de vivente. A vítima é um sujeito que vive, que possui exigência específicas que não são cumpridas no modo de reprodução de vida do sistema. A segunda possibilidade é a responsabilidade pelo outro pela vítima como vítima, pois esta ainda não possuiria capacidade de se colocar de pé apenas por ele mesmo. (DUSSEL, 2000, p. 374- 375). Portanto, o critério crítico-positivo é aquele que destaca como elementos fundamentais a necessidade do reconhecimento da autonomia da vítima enquanto ser vivente mas também da responsabilidade pelo outro.

O aspecto crítico negativo, por sua vez, é apresentado da seguinte forma segundo as palavras do próprio pensador:

“O critério negativo, material ou de conteúdo, é o próprio fato da *impossibilidade de reproduzir a vida* da vítima. Este aspecto material- negativo que afeta a vítima se reflete, graças à consciência crítica, sobre o sistema (normas, ação, instituição, etc.) e o “julga” a partir de seu resultado (a vítima) como *não verdade*, já que origina uma tal negatividade.” (DUSSEL, 2000, p. 375)

Dessa forma, a vida da vítima é sempre negada em alguma medida pela maneira em que o sistema se mantém, o que mais uma vez gera um obstáculo, visto que as instituições e o próprio sistema deveriam evitar a dor e afastar a morte de todos e não só de alguns. (DUSSEL, 2000, p. 375). Assim, o critério negativo é aquele que destaca a vítima como aquela/aquele que sofre com a impossibilidade de reproduzir sua própria vida.

Por fim, o autor descreve os dois princípios de critério crítico, um negativo e um positivo. O princípio ético negativo parte da premissa que apenas o reconhecimento da vítima como sujeito vivente não é o suficiente para ser considerado um ato ético. Seria então necessário que nos tornássemos responsáveis e “tomássemos a cargo” a vida da vítima. Para Dussel a partir das ideias de Lévinas, tomar a cargo a vida que é negada a vítima não teria sentido ético se fosse apenas para se proceder de um reconhecimento do oprimido como igual, o ato crítico- ético nasce da negatividade do outro reconhecido como outro. Nas palavras de Dussel, citando Lévinas:

“porque é uma vítima; porque tem fome; porque não pôde obter benefício algum de sua existência: gratuidade da responsabilidade. Muito pelo contrário, está me pedindo solidariedade a partir da ‘exposição’ de sua própria corporalidade sofredora. Pede-me, suplica-me, ordena-me eticamente que o ajude.” (DUSSEL apud LÉVINAS, 2000, p. 378)

O princípio ético positivo, por sua vez, parte do momento em que depois que tomamos responsabilidade pelas vítimas, a partir deste momento faz- se necessário que que a responsabilidade assuma o formato de críticas e transformações do sistema vigente, a fim de que as vítimas não sejam mais negadas. Segundo Dussel, a transformação começa a partir do compromisso do observador na estrutura da ação, assim sendo, o primeiro momento da transformação é assumir sua responsabilidade crítica. Esta obrigação ética de transformar a realidade causadora de vítimas parte da perversidade da existência das próprias vítimas, parte da nossa responsabilidade em construir uma vida plena para os oprimidos e do nosso cumprimento do nosso dever ético crítico. Dussel também afirma que para que exista solidariedade e justiça na sociedade, é preciso criticar o sistema estabelecido, para que, assim, a impossibilidade de viver das vítimas se modifique para possibilidade de viver. (DUSSEL, 2000).

**CAPÍTULO 3 OS REFUGIADOS COMO VÍTIMAS**

**3.1. PORQUÊ OS REFUGIADOS?**

Como mencionado na introdução deste trabalho, o que levou a sua elaboração foi entender o que seriam os refugiados, a questão principal evoluiu e se tornou a reflexão de o que seriam as vítimas de uma maneira geral, porém não é a intenção desta monografia esquecer completamente seu pensamento original. Portento, este capítulo pretende relacionar o conceito de vítimas com o de refugiados, tentando explicar o motivo pelo qual estas pessoas podem ser consideradas como vítimas das sociedades em que vivem, ao mesmo tempo em que podemos demonstrar com um exemplo atual como as vítimas aparecem e são tratadas no sistema em que vivemos.

Segundo o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) são considerados refugiados todas as pessoas que estão fora de seus países de origem por causa de fundamentados temores de perseguição relacionados a questões de religião, nacionalidade, raça, pertencimento a um determinado grupo de opinião política ou social, assim como também devido a grave presença de conflitos armados e violação de direitos humanos.[[4]](#footnote-4)

Em decorrência de perseguições e conflitos, a cada minuto 25 pessoas se encontram em situações em que são forçadas a se deslocarem. Atualmente, vivemos em um período em que podemos ver um dos maiores níveis de pessoas deslocadas já registradas.[[5]](#footnote-5) Em 2018, mais de 70,8 milhões de pessoas foram obrigadas a saírem de suas casas, sendo que 25,9 milhões dentre elas são consideradas refugiadas.[[6]](#footnote-6)

Segundo Fabrício Toledo de Souza[[7]](#footnote-7), esse fenômeno de aumento excessivo do número de refugiados trata- se certamente de uma crise (SOUZA, 2016). Crise que em primeiro lugar atinge as famílias dos que foram mortos em determinado conflito, das pessoas que passam a ser obrigadas a viverem em tendas improvisadas, assim como aqueles que necessitam cruzar desertos, florestas e mares a fim de encontrar paz, aqueles que conseguiram ultrapassar as cercas construídas entre os países e aqueles que agora vivem em centros de detenção. (SOUZA, 2016, p. 25)

A partir daqui já podemos começar a entender o porquê dos refugiados poderem ser considerados vítimas. Pois estes se encontram em situações em que o sistema não é capaz de protegê-los, o que significa que ele impede que algumas dimensões da vida sejam realizadas, podendo-se dizer que esses refugiados são vítimas precisamente porque de acordo com Dussel: “A vítima é vítima porque não pode viver. (DUSSEL, 2006, p. 97, tradução nossa). As dimensões acima citadas dizem repeito a impossibilidade dos refugiados em reproduzirem suas próprias vidas, segundo o Acnur, os refugiados que chegaram ao Brasil disseram enfrentar muitas dificuldades para encontrar moradia e empregos[[8]](#footnote-8), além de problemas relacionados a área de saúde (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2011).

Outra dimensão a ser observada é a falta de reconhecimento que estes grupos sofrem pela sociedade civil,isto que um dos principais obstáculos enfrentados pelas pessoas que soliciam refúgio é a xenofobia, que por muitas vezes os impedem de conseguir uma integração adequada ou o usufruto de direitos (MENEZES; REIS, 2013). A última dimensão a ser estudada aqui é a responsabilidade pelo outro, ora, o mundo já percebeu a necessidade de proteger os refugiados a algum tempo. Em dezembro de 1950, a Agêcia da ONU para refugiados foi criada, e em janeiro de 1951 a sua Convenção já começou a discutir seus primeiros pontos como, por exemplo, a resolução de que os refugiados não poderiam ser devolvidos para seus países até que suas vidas e suas liberdades forem estabelecidas novamente[[9]](#footnote-9).

Desde então, a luta vem aumentando e outras bases precisam ser alcançadas, como uma profunda integração destes povos na socieda civil e a garantia os refugiados recebebam a mesma assistência e os mesmos direitos que qualquer estrangeiro que vive no país que o acolheu recebe[[10]](#footnote-10). Desta forma, podemos perceber que como existe uma necessidade de reconhecer que tantos os Estados, quanto as organizações e a sociedade civil possuem a responsabilidade em proteger os refugiados.

A partir desta breve análise sobre as dimensões pelas quais podemos determinar uma vítima, podemos entender melhor a situação dos povos que se sentem obrigados a saírem de seus países em busca de uma vida melhor. Os refugiados não conseguem por eles mesmos opinar e mudar suas condições e acabam por sofrer em seus próprios corpos as consequências de decisões que foram tomadas por outras pessoas que por muitas vezes vivem em situações privilegiadas e não sofrem os mesmos medos e dificuldades que eles, enquanto as vítimas, sofrem.

Segundo Dussel:

“De qualquer forma, existem membros da comunidade que sofrem em sua corporalidade viva (como dor, humilhação, insatisfação e até morte)(...) são as vítimas das injustiças políticas; podem ser oprimidos ou excluídos; eles são os marginais, as classes exploradas, os grupos dominados, os setores que fazem parte da cidade... Essas vítimas são vítimas porque: não podem viver plenamente (momento material); porque foram excluídas da participação das decisões que sofrem (momento formal de não legitimidade), e porque manifestam em seu próprio sofrimento ou reivindicação insatisfeita que o sistema não é eficaz (pelo menos em relação aos grupos vitimizados).” (DUSSEL, 2006, p. 101, tradução nossa)

A citação acima complementa o que foi dito nos capítulos anteriores, mas é importante ressaltá-la neste momento para podermos perceber que o conceito de vítima que rege este trabalho é útil para compreender os refugiados. As pessoas que são obrigadas a saírem de seus países são aquelas não reconhecidas pelas decisões políticas de seus países, ao mesmo tempo em que são as mais afetadas por elas, acabando em situações de humilhação, dor e morte por muitas vezes.

Assim, este capítulo procurou refletir sobre o conceito de vítimas a partir do entendimento sobre os refugiados, de modo que podemos ter um exemplo e uma visão mais clara sobre como os sistemas produzem e tratam as suas vítimas em uma tentativa de se manter, privilegiando apenas a alguns grupos.

**3.2 A SITUAÇÃO DOS REFUGIADOS AO REDOR DO MUNDO**

Neste momento do trabalho será realizada uma análise sobre a condição dos refugiados nos Estados Unidos, na Europa e na América Latina, de forma que poderemos perceber as dificuldades que passam, que são ao mesmo tempo semelhantes e distintas. Assim, ficará mais claro o motivo pelo qual os refugiados podem ser considerados vítimas.

A situação dos refugiados nos Estados Unidos demonstrou uma grande mudança quando Donald Trump assumiu a presidência. Enquanto ainda era pré-candidato a presidência do país, Trump já deixava claro em seu discurso que deportaria os refugiados sírios que foram aceitos no país, assim como os 11 milhões de imigrantes ilegais vindos do México, além de propor construir um muro na fronteira com o país[[11]](#footnote-11). Segundo o discurso do ainda pré-candidato[[12]](#footnote-12): "Estou avisando as pessoas que estão chegando aqui da Síria como parte desta migração em massa que, se eu ganhar, eles voltarão" (2015). Sobre o México ele afirmou[[13]](#footnote-13): "O México não é nosso amigo… Quando o México nos envia sua gente não está nos enviando os melhores. Estão enviando pessoas que têm muitos problemas e os estão trazendo com eles. Trazem drogas, crime, são estupradores" (2015).

Depois de eleito, Trump tomou algumas medidas preocupantes quanto a questão dos refugiados. Em junho de 2018[[14]](#footnote-14), por exemplo, o presidente começou a separar famílias na fronteira. Foi endurecida a política de imigração nos Estados Unidos, limitando-se o número de estrangeiros ingressando no país, independente se estivessem passando pela fronteira com o México ou solicitando novos pedidos para permanência e visto. Na época o número de prisões na fronteira haviam subido de maneira rápida, visto que muitas pessoas vindas da América Central queriam fugir da crise de violência de países como Honduras e Guatemala (CARAZZAI, 2018)

Com o aumento do número de imigrantes adentrando o país, Donald Trump decidiu aplicar uma medida de tolerância zero quanto a passagem de novas pessoas pela fronteira, separando, consequentemente, um grande número de famílias. Os adultos que adentravam o país ilegalmente com seus filhos eram processados imediatamente pelo crime de travessia ilegal e encaminhados para presídios federais. Enquanto isso, as crianças, por não poderem por lei ficar nessas instalações eram levadas a abrigos do governo.

Durante o período, em seis semanas, um número próximo de 2000 crianças foram mantidas afastadas de suas famílias e logo começaram a surgir fotos e vídeos dos menores chorando por seus pais em abrigos lotados. Tais atitudes começaram a chamar a atenção mundial, enquanto chegavam críticas da ONU e de até mesmo pessoas aliadas ao presidente. Trump disse em entrevista que lamentava o fato que crianças estavam sendo separadas de seus pais, mas que a responsabilidade cabia a sua oposição democrata, que havia criado leis que permitiam facilidades na permanência de jovens sem documentos, o que, segundo o presidente, estimulava seus pais a trazê-los. (CARAZZAI, 2018)

Já na Europa, segundo France Presse[[15]](#footnote-15), desde 2011 a chegada de refugiados na Europa tem levado a grandes tragédias, como por exemplo os diversos casos de afogamento no mar Mediterrâneo, somado a isso também há os confrontos políticos entre os países da UE (União Europeia que não concordam entre si sobre a questão. Durante aquele período, o ACNUR divulgou[[16]](#footnote-16) que mais de 3500 pessoas perderam suas vidas no mar enquanto tentavam fugir da guerra e da pobreza de seus países (PRESSE, 2018).

O início de uma crise migratória foi percebida em 2014 quando, segundo o ACNUR, o número de migrantes que chegaram a Europa quadruplicou[[17]](#footnote-17), chegando a um total de 280 mil. Neste mesmo ano mais de 170 mil refugiados chegaram na costa italiana e por volta de 43.500 chegaram à costa grega. Ainda no mesmo ano, por volta de 144.630 sírios pediram para o conjunto da UE refúgio, muitos destes pedidos começaram a chegar em 2011 quando começou a Guerra Civil no país. Em 2015, o número de imigrantes na Europa chegou a um milhão, foi quando o cenário se tornou muito preocupante, sendo que o principais argumentos que tentam explicar esse aumento são a estagnação do conflito na Síria e o deterioramento dos campos de refugiados que refletiam em más condições de vida das pessoas. (PRESSE, 2018).

No cenário atual da América Latina, a Venezuela vem passando por problemas políticos e econômicos, que ao atingirem a população, forçaram muitas pessoas a pedir abrigo em outros países. Segundo o ACNUR, desde 2014 houve um aumento muito grande de venezuelanos que pediram para atualizar seus status para refugiados. Dados oficiais do ACNUR revelam que há mais de 5 milhões de migrantes e refugiados provenientes da Venezuela por todo o mundo, fazendo com que se torne uma das maiores crises de refúgio conhecida nos dias de hoje. (ACNUR, s.d)

Como já mencionado anteriormente, Dussel diz que as vítimas precisam ser enxergadas como seres viventes que são capazes de perceber o mal que sofrem. (DUSSEL, 2000) Por este motivo, se faz necessário apresentar os relatos narrados pelas próprias vítimas, a fim de que suas vozes não sejam silenciadas. O refugiado vindo da Síria, Omar el Shogre, por exemplo, contou que enquanto vivia em seu país foi sequestrado pelo Governo sírio pois achavam que ele era um militante, em sua entrevista Omar disse que as doenças e a falta de comida e água era o que menos lhe preocupava.

Também foi dito pelo mesmo que os presos sofriam e eram obrigados a abusar sexualmente uns dos outros. Depois de anos sendo torturado Omar finalmente foi libertado, não porque achavam que ele era inocente, mas porque sua mãe encontrou um guarda que aceitou 15.000 dólares para soltá-lo. Depois de ser soltou, ele procurou refúgio na Turquia e na Grécia mas não gostou do que encontrou por lá, então conseguiu se refugiar na Suécia, onde está reconstruindo sua vida.

Os refugiados no Brasil que vieram de Venezuela relatam que vieram por falta de comida nos estabelecimentos e dos altos preços dos produtos. Foi o que disse o ex-policial e advogado Juan Francisco Nolasco Lanza, ele e sua esposa, a gestora de recursos humanos Marieth Campos, disseram possuir emprego e casa na Venezuela, porém, segundo Marieth: “Temos casa própria, tínhamos trabalho. Mas não havia comida. Um frango custava o salário do mês”. Já no Brasil, Juan já possui um emprego, mas reclama por não conseguir revalidar seus diplomas, pois a repartições públicas da Venezuela não possuem papel para emitir os documentos e mesmo quando possuem, o Governo procura não contribuir com a saída das pessoas do país.

A partir da leitura destes relatos é possível perceber como os critérios críticos positivos e negativos podem verificar a existência de vítimas no caso dos refugiados. Como já mencionado anteriormente, o critério crítico positivo se trata do reconhecimento da vítima enquanto ser vivente, e sobre isso Dussel ressalta:

“A primeira condição de possibilidade da crítica é, então o reconhecimento da igualdade do outro sujeito, da vítima, mas a partir de uma dimensão específica: *como* *vivente*. Este ‘conhecer’ um ser humano a partir da vida; este reconhecê-lo: conhecê-lo ‘a partir de’ sua vulnerabilidade traumática.” (DUSSEL, 2000, p. 374)

O outro ponto do critério crítico positivo diz respeito a nossa responsabilidade para com a vítima pois nas palavras de Dusssel: “o destituído não tem ainda capacidade para pôr-se de pé.” (DUSSEL, 2000, p. 374). Ora, é possível e se faz necessário enxergar os refugiados como seres humanos viventes e que possuem suas próprias necessidades, que não são cumpridas pelo sistema existente. Assim como é importante que nos tornemos responsáveis por eles, tanto no âmbito civil, quanto no âmbito institucional, pois os refugiados ainda não conseguem por eles mesmos mudarem sua realidade de privações em vários aspectos de suas vidas.

O critério crítico negativo, ao seu modo, trata dos aspectos materiais que impossibilitam a vítima de reproduzir sua vida. (DUSSEL, 2000) Em outras palavras, mostra que o sistema leva a negação da vida da vítima, ou seja, leva a morte, o que Dussel chama de o princípio de morte, e o explica como sendo: “O princípio de morte, que é o fundamento de toda patologia das pulsões, nega o outro *como outro* ao afirmar o presente do sistema a partir do e para o passado. Já que não ‘tende’ para o *desenvolvimento* da vida, mas ‘volta’ para trás; é involução para o não vivo, inorgânico.” (DUSSEL, 2000, p. 376). Diante disso, também podemos analisar os refugiados por este aspecto, visto que o sistema em que estão inseridos não é capaz de suprir suas necessidades e acabam por levar ao sofrimento e a morte das vítimas.

# Capítulo 4 A ÉTICA DA LIBERTAÇÃO

A Ética da Libertação foi desenvolvida aos poucos nestes trabalhos a partir das ideias dos primeiros capítulos. Os conceitos de vítimas e dos aspectos e princípios críticos possibilitam a formação dessa ética. Este capítulo tem como pretensão mostrar o contexto em que Dussel começou a pensar nesta teoria e onde ela pretende chegar.

Segundo Fernades Rodrigues, a ética proposta por Dussel compreende que, durante a história, a “verdade“ foi dita sob a perspectiva da dominação do opressão através da exploração dos pobres, das vítimas. A Ética da Libertação devia, desse modo, fazer exatamente o contrário, identificando- se com os interesses dos que são oprimidos, percebe através das relações de conflito e opressão, uma verdade que foi manipulada pelo sistema vigente e se põe ao propósito da libertação. O que se pretendia era produzir um discurso não hegemônico, que fosse periférico, que estivesse à margem da sociedade. (RODRIGUES, 2018)

Enrique Dussel escreveu a Ética da Libertação a partir de seus questionamentos sobre o discurso da modernidade (OLIVEIRA; DIAS, 2012). Para Dussel, o “acontecimento fundante da modernidade foi o descobrimento da Ameríndia¨ (OLIVEIRA; DIAS apud DUSSEL, p. 92, 2012), este fato teria sido determinante para a construçã do “ego“ moderno (OLIVEIRA; DIAS, 2012). Segundo o autor a experiência dos europeus quanto aos descobrimentos levaram ao encobrimento e a negação do Outro, de forma que este ficou escondido em sua alteridade. Desta forma, o índio não teria sido descoberto como Outro, mas teria sido reconhecido como o mesmo, porém diferente (OLIVEIRA; DIAS, 2012). Nas palavras de Dussel:

O ego moderno apareceu em sua confrontação com o não-ego; os habitantes das novas terras descobertas não aparecem como Outros, e sim como o Mesmo a ser conquistado, colonizado, modernizado, civilizado, como “matéria” do ego moderno. E é assim como os europeus (ou os ingleses em particular) se transformaram [...] nos “missionários da civilização em todo o mundo”, em especial com “os povos bárbaros”. [A] Europa constituiu as outras culturas, mundos, pessoas como objeto: como o “arrojado” “ante” seus olhos. O “coberto” foi “descoberto”: ego cogito cogitatum, europeizado, porém imediatamente “encoberto” como *Outro*. (OLIVEIRA; DIAS apud DUSSEL, p. 93, 2012)

Segundo o pensador, a modernidade é descrita como um processo de emancipação da razão humana, e que coloca a Europa como centro cultural da humanidade, enquanto que as outras culturas não europeias eram classificadas como pertencentes a barbárie e a marginalidade. A cultura vinda da Europa era vista como superior às outras e como a mais desenvolvida. Por conta disso, os europeus acreditavam que deveriam levar o progresso e a civilidade para outros povos, não se importando com a dominação exercida e a violência cometida era sempre justificada como sendo necessária para a emancipação dos povos não europeus (OLIVEIRA; DIAS, 2012).

Para Dussel, este momento leva ao que ele considera ser o *mito da modernidade* pois ao invés de se chegar ao progresso os povos conquistados sofreram com o processo de violência e dominação em sua cultura. Os povos retratados como bárbaros acabam por perder suas liberdades subjetivas e suas heranças pessoais, e todo esse sofrimento é justificado pelo discurso de que a Europa visa a salvação de todos. Diante disto, podemos dizer que o *mito da modernidade* explicada por Dussel consiste no discurso que tem o poder de definir uma cultura como sendo superior enquanto as outras são consideradas inferiores (OLIVEIRA; DIAS, 2012).

A violência sofrida pelas vítimas neste processo civilizador era visto como inevitável e quem se opusesse a essa nova forma de civilização era considerado como sendo culpado, justificando, desta forma a ação emancipadora e modernizadora (OLIVEIRA; DIAS, 2012). Segundo Oliveira e Dias: “O sofrimento do *Outro* é considerado como o custo da modernização em função de serem atrasados, débeis, etc.” (OLIVEIRA; DIAS, p. 95, 2012).

Depois de observar o sofrimento causado pela modernidade, Dussel percebeu como era importante pensar em uma ética que tivesse como base aqueles que foram excluídos, negados e desrespeitados pelo sistema- mundo. (OLIVEIRA; DIAS, 2012). Foi a partir desse novo estudo que surgiu a Ética da Libertação, que deve ser pensada como uma ética da transformação e que se estabelece a partir de ações críticas no cotidiano e que possuem como alicerce o *outro*, a vítima, a Ética da Libertação diz respeito a uma necessidade de se estabelecer a solidariedade para com a vítima, indo muito além da rasa tolerância existente na modernidade, que procurava a afirmação dos direitos subjetivos das pessoas, mas que mostrava certa passividade e indiferença quanto ao destino do *outro* (OLIVEIRA; DIAS, 2012).

A solidariedade, por outro lado, é entendida por Dussel como uma atitude de responsabilidade pela vítima, passa- se a respeitar e se colocar no lugar vítima. Esta solidariedade deve ser universal, porque diz respeito a todos os tipos de diferenças, sejam elas etnia, idade, classe, gênero, entre outras (OLIVEIRA; DIAS, 2012). Segundo Dusssel:

“A solidariedade é universal, em referência a todas as diferenças (a alteridade da mulher violada, das raças discriminadas, das classes exploradas, dos países periféricos pós-coloniais oprimidos, a terceira idade excluída nos asilos, as gerações futuras que receberam uma terra exterminada...).” (OLIVEIRA; DIAS apud DUSSEL, p. 103, 2012)

Segundo Renan Evangelista Silva, o principal objetivo desse novo princípio ético pensado por Dussel é a: “transformação da realidade sofredora da vítima, para uma ética da vida e da dignidade humana acima de todas as coisas.” (SILVA, 2010, p.70) Silva ainda diz que a ética do filósofo não deve ser visto como um sistema normativo perfeito onde não se cabe críticas ou questionamentos, pois como vimos anteriormente, para Dussel, é impossível que exista um sistema perfeito. Deste modo, o princípio da libertação visa a transformação da realidade e deve ser vista como “uma prática ética e responsável com a dor e o sofrimento da vítima.” (SILVA, 2010, p. 73) Os pilares da Ética da libertação foram vistos no capítulo dois que nos mostra a necessidade de reconhecer as vítimas e a responsabilidade que devemos ter para com elas.

Portanto, a Ética da Libertação foi pensada por Dussel em uma maneira de se superar o pensar eurocêntrico que deu início a modernidade, o principal objetivo desta eticidade é afirmar a razão do outro por meio de relações intersubjetivas e solidárias (OLIVEIRA; DIAS, p. 104, 2012).

# ConcluSão

Através da leitura deste trabalho é possível entender o motivo pelo qual os refugiados podem ser considerados como vítimas a partir das definições e critérios estipulados por Enrique Dussel. Ao longo dos capítulos foi discutido diversas ideias que nos ajudam a entender como o autor chegou a conceituação da palavra “vítima” e como estudá-las de forma ética.

No primeiro capítulo, vimos que Dussel utiliza dos pensamentos de outros pensadores para chegar ao seu próprio conceito de vítima. A partir das ideias de Karl Marx, Arthur Schopenhauer, Nietzsche, entre outros, Enrique Dussel percebeu que durante a história muitos grupos sofreram diferentes formas de dominação e opressão e que as palavras “outro” e “pobre”, que ele havia pensado anteriormente, não eram suficientes para explicá-los. Foi então que surgiu a expressão *vítima,* que para o autor designifica as pessoas que são oprimidas pelo sistema vigente (DUSSEL, 2000).

A seguir, no capítulo dois, foi mostrado os princípios e critérios crítico ético que servem como base para a Ética da Libertação. É neste capítulo em que podemos perceber que Dussel acreditava que em todos os sistemas existentes haveríam vítias, dada a impossibilidade de existir um sistema perfeito (DUSSEL, 2000). Também, vimos que o autor considera ser importante enxergarmos as vítimas como pessoas com suas próprias vivências e necessidades (DUSSEL, 2000).

No terceiro capítlo, estudamos o caso específico dos refugiados e podemos perceber que mesmo estando em diferentes lugares do mundo, estes grupos continuam sofrendo tanto em seus países de origem quanto nos países em que escolhem mudar de vida. Percebendo que estes povos passam por situações como fome, violência, desmprego, preconceito, entre outros males, é possível dizer que eles se encaixam no conceito de vítimas de Enrique Dussel.

No quarto e último capítulo, foi apresentado como surgiu a Ética da Libertação, mostrando que a modernidade excluiu vários povos, culturas e formas de pensar, colocando os europeus como modelos a serem seguidos por todos e mostrando a importância de se pensar em uma ética que partisse da necessidade daqueles que foram excluídos do processo de modernização.

Portanto, a partir da elaboração deste trabalho podemos entender o conceito e a origem do termo vítima para o pensador Enrique Dussel, assim como vimos que a Ética da Liberdade pode nos ajudar a entender como analisar o sistema de forma crítica a partir do ponto de vista das próprias vítimas e, por fim, é possível dizer que os refugiados podem ser considerados vítimas quando analisamos a maneira como são tratados pelo sistema, fazendo ser possível, a partir deste ponto, visar novas políticas de proteção para estes povos.

**REFERÊNCIAS**

ACNUR Brasil. *Venezuela*, s.d. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/venezuela/> Acesso em: 30 ago 2019

ACNUR Brasil. *Protegendo os refugiados no Brasil e no mundo*, 2018. Disponível em: <<http://portalods.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Protegendo-Refugiados-no-Brasil-e-no-Mundo_ACNUR-2018.pdf>> Acesso em: 10 ago 2020

ALVES, Claudenir Módolo. *Ética da Libertação: a vítima na perspectiva dusseliana*. 2005. 116 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CAPELLO, Pedro (Brasil). ACNUR (ed.). *Moradia e trabalho são principais desafios para refugiados e solicitantes de refúgio no Brasil*. 2011. Disponível em: <nacoesunidas.org/moradia-e-trabalho-sao-principais-desafios-para-refugiados-e-solicitantes-de-refugio-no-brasil/>. Acesso em: 10 ago 2020

CARAZZAI, Estelita Hass. *EUA não vão virar campo de refugiados, afirma Donald Trump*. Folha de São Paulo, 18 Jun 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/eua-nao-vao-virar-campo-de-refugiados-afirma-donald-trump.shtml>> Acesso em: 09 out 2019

DUSSEL, Enrique. *20 tesis de política*. Siglo XXI: Centro de Cooperacion Regional para la Educaci6n de Adultos en America Latina y el Caribe. México, 2006.

DUSSEL, Enrique. *Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, p. 313, 2000.

G1. *Donald Trump diz que se for eleito enviará refugiados de volta à Síria.* G1 Mundo, 30 Ago 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/donald-trump-diz-que-se-eleito-enviara-refugiados-sirios-de-volta.html>> Acesso em: 05 out 2019

GOMARASCA, Paolo. Direito de excluir ou dever de acolher? A migração forçada como questão ética. *Rev. Interdiscip. Mobil. Hum*., Brasília, v. 25, n. 50. Ago. 2017, p. 11-24. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/remhu/v25n50/1980-8585-remhu-25-50-011.pdf>> Acesso em: 15 jul 2019

OLIVEIRA, Ivanilde Apoliceno; DIAS, Alder Sousa. Ética da Libertação de Enrique Dussel: caminho de superação do irracionalismo moderno e da exclusão social *Conjectura: filosofía e educação*.Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, v. 17, n. 3, 2012. Semestral. p. 90- 106.

PRESSE, France.*Conheça os principais episódios da crise migratória da Europa*. G1 Mudo, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/conheca-os-principais-episodios-da-crise-migratoria-na-europa.ghtml>> Acesso em 10 Out 2019

RODRIGUES, Fernandes Antonio Brasileiro. *O Não Ético do Capital a partir do projeto Ético Político- Ecológico de Libertação em Dussel*. 2018. 170 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Departamento de Filosofia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14852>. Acesso em: 11 ago. 2020.

SILVA, Renan Evangelista. *O surgimento da ética da libertação em Enrique Dussel*. 2010. 107 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/11535>> Acesso em: 05 dez 2020

SOUZA, Fabrício Toledo. *A crise do refúgio e o refugiado como crise*. 2016. 204 f. Tese (Doutorado em Direito). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

1. DUSSEL, Enrique. Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, p. 313, 2000. [↑](#footnote-ref-1)
2. ALVES, Claudenir Módolo. Ética da Libertação: a vítima na perspectiva dusseliana. 2005. 116 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. [↑](#footnote-ref-2)
3. DUSSEL, Enrique. 20 tesis de política. Siglo XXI: Centro de Cooperacion Regional para la Educaci6n de Adultos en America Latina y el Caribe. México, 2006, [↑](#footnote-ref-3)
4. ACNUR Brasil. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/>> [↑](#footnote-ref-4)
5. Idem 4 [↑](#footnote-ref-5)
6. O ACNUR além de contabilizar o número de refugiados também monitora a quantidade de deslocamentos internos, apátridas e retornados. [↑](#footnote-ref-6)
7. SOUZA, Fabrício Toledo. *A crise do refúgio e o refugiado como crise*. 2016. 204 f. Tese (Doutorado em Direito). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. [↑](#footnote-ref-7)
8. PEDRO CAPELLO (Brasil). ACNUR (ed.). *Moradia e trabalho são principais desafios para refugiados e solicitantes de refúgio no Brasil*. 2011. Disponível em: <nacoesunidas.org/moradia-e-trabalho-sao-principais-desafios-para-refugiados-e-solicitantes-de-refugio-no-brasil/>. Acesso em: 10 ago 2020 [↑](#footnote-ref-8)
9. ACNUR Brasil. *Protegendo os refugiados no Brasil e no mundo*, 2018. Disponível em: <<http://portalods.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Protegendo-Refugiados-no-Brasil-e-no-Mundo_ACNUR-2018.pdf>> Acesso em: 10 ago 2020 [↑](#footnote-ref-9)
10. Idem 9 [↑](#footnote-ref-10)
11. G1. *Donald Trump diz que se for eleito enviará refugiados de volta à Síria.* G1 Mundo, 30 Ago 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/donald-trump-diz-que-se-eleito-enviara-refugiados-sirios-de-volta.html>> Acesso em: 05 Out 2019 [↑](#footnote-ref-11)
12. Idem 11 [↑](#footnote-ref-12)
13. Idem [↑](#footnote-ref-13)
14. CARAZZAI, Estelita Hass. EUA não vão virar campo de refugiados, afirma Donald Trump. Folha de São Paulo, 18 Jun 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/eua-nao-vao-virar-campo-de-refugiados-afirma-donald-trump.shtml>> Acesso em: 09 Out 2019 [↑](#footnote-ref-14)
15. PRESSE, France.Conheça os principais episódios da crise migratória da Europa. G1 Mudo, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/conheca-os-principais-episodios-da-crise-migratoria-na-europa.ghtml>> Acesso em 10 Out 2019 [↑](#footnote-ref-15)
16. Idem 15 [↑](#footnote-ref-16)
17. Idem 15 [↑](#footnote-ref-17)